

## **A EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA E SEUS SIGNIFICADOS PARA OS PATAXÓS DO EXTREMO SUL DA BAHIA**

Verônica Silva Santos- vefeliz@yahoo.com.br<sup>1</sup>  
Rainer Wendell Costa Guimaraes-wrainerw@yahoo.com.br<sup>2</sup>

A história dos povos Pataxós é semelhante a da maioria dos povos indígenas brasileiros. No processo de colonização, já no século XIX, muitos Pataxós foram mortos, perseguidos e, aqueles que sobreviveram, foram dispersos pelas florestas, obrigados a negar sua cultura e proibidos de falar a língua materna, a qual, devido esta medida entrou em desuso e quase desapareceu. Após várias décadas de conflitos, transformações dos aspectos tradicionais de sua cultura pela relação histórica com os não-índios, os Pataxós conquistaram uma escola específica e intercultural onde aliam os conhecimentos tradicionais indígenas, experiências socioculturais, lingüísticas e histórica da comunidade com os conhecimentos universais. O presente trabalho é fruto de um estudo de caso apresentado para conclusão do curso de pós-graduação *lato sensu* em Gestão Educacional pela UESB-Jequié e, teve como objetivo pesquisar aspectos sobre a Educação Escolar dos Pataxós da Aldeia Indígena de Coroa Vermelha no Município de Santa Cruz Cabrália-BA. Neste trabalho foram apresentados os elementos valorativos e os significados da educação escolar indígena para os Pataxós do Extremo Sul da Bahia da Aldeia Pataxó de Coroa Vermelha-Ba. A pesquisa foi desenvolvida com abordagem qualitativa e a qual o pesquisador, busca informações a partir do olhar dos envolvidos. Durante a pesquisa pode-se concluir que os Pataxós da Aldeia de Coroa Vermelha encontraram na Educação Escolar Indígena a possibilidade de revitalizar o seu identitário étnico cultural, ensinando nas atividades escolares, músicas, lendas da cultura pataxó e, a língua Patxôhã.

Palavras Chaves: Escola Indígena; Pataxó; Identidade.

### **INTRODUÇÃO**

Desde o Brasil colônia até o final do século XX, o contato e o convívio com campos simbólicos dos colonizadores obrigaram o povo Indígena Pataxó a negar a sua cultura e a adotar o modelo eurocêntrico como referencial de civilização. Foi sobre este aspecto que o estado brasileiro pensou a “escola para os índios”, de forma que esta tornasse possível a sua “integração”.

Após séculos de negação à sua existência e direitos, os povos indígenas, resistiram e conquistaram na Constituição Federal de 1988 o reconhecimento enquanto sujeitos de

---

<sup>1</sup>Verônica Silva Santos – Tamicuan Pataxó (nome registro indígena) Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-UESB; Especialista em Gestão Educacional pela UESB; Email: vefeliz@yahoo.com.br

<sup>2</sup>Rainer Wendell Costa Guimarães: Graduado em Letras pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-UESB; Diretor da Diretoria Regional de Educação- DIREC 1A; Email: wrainerw@yahoo.com.br.



direitos, de cidadania brasileira e donos por direito de terras tradicionalmente ocupadas pelos seus antepassados índios. Após a Constituição de 1988, políticas públicas de reparação foram e vem sendo implementadas para a população indígena, como o direito a uma Educação Escolar Diferencia.

O trabalho apresentado tem como objetivo divulgar e fomentar o diálogo entre as áreas de conhecimentos educacionais sobre a Educação Escolar Indígena e a sua importância no resgate da identidade étnico cultural dos povos indígenas. A pesquisa é fruto de um Estudo de Caso sobre a Aldeia Pataxó de Coroa Vermelha, por meio da Escola e da Educação Escolar Indígena, analisando como se dá a Educação Escolar Indígena e suas proposições para o povo Pataxó da Aldeia de Coroa Vermelha.

Meu interesse em pesquisar e escrever sobre a Educação Escolar Indígena, deve-se por ser descendente indígena Pataxó e durante a graduação no curso de Licenciatura em Pedagogia da UESB/Jequié, percebi a carência de estudos e pesquisas sobre os indígenas e a educação escolar indígena. Principalmente sobre o fenômeno da Educação Escolar Diferenciada, que traz como proposta pedagógica a interculturalidade. Percebendo ser um tema com ricos dados científico e importante significado simbólica para os povos indígenas, decidir fazer o trabalho de conclusão de curso da Pós-Graduação Lato Sensu em Gestão Educacional sobre a Escola Indígena Pataxó Coroa Vermelha, Aldeia a qual vive boa parte da minha vida.

Para isso fui à busca das seguintes inquietações: Conhecer a proposta curricular da Escola Indígena Pataxó de Coroa Vermelha; compreender como se deu o processo de constituição do currículo atual; identificar se o currículo escolar é diferenciado, e qual a sua relevância sobre o universo sociocultural da comunidade Pataxó e se o currículo está sendo implementado em consonância com uma proposta intercultural. No entanto, nesse trabalho irei discorrer sobre um fator que surgiu durante realização da pesquisa, através das entrevistas com os participantes: o significado da Educação Escolar Indígena para a revitalização da cultura, história e identidade Pataxó.

A pesquisa teve abordagem qualitativa, nessa perspectiva, o fenômeno pode ser melhor compreendido em estudos feitos no contexto em que ocorre, trazendo informações a partir do olhar dos envolvidos. Segundo Bogdam e Biklen (apud Ludke e André, 1986,pg 13) envolve a obtenção de dados descritivos, obtidos no contato direto do pesquisador

com a situação estudada, enfatiza mais o processo do que o produto e se preocupa em retratar a perspectiva dos participantes.

A pesquisa qualitativa tem vários métodos, entretanto, o que mais se aproxima dos objetivos desejados foi o Estudo de Caso, que segundo Yin (2001, pg.27) é uma das estratégias escolhida quando se quer examinar acontecimentos contemporâneos. O mesmo reitera que o poder diferenciador do estudo de caso é a sua capacidade de lidar com uma ampla variedade de evidências como: documentos, artefatos, entrevistas e observações.

Nessa perspectiva, foi analisado o currículo escolar implementado na escola, observando quais são as conquistas, dilemas e desafios para aplicabilidade do Currículo Escolar Diferenciado e, se este vem sendo implementado em consonância com uma proposta intercultural.

A coleta de dados teve como instrumentos a análise documental, através do Projeto Político Pedagógico<sup>3</sup>, observação participante em sala de aula e atividades extraclasse, realizada em 02 momentos: sendo o primeiro no mês de maio de 2013 quando fiz contato com a escola e apresentei a proposta da pesquisa, para a diretora Vilma Matos, que, de imediato, demonstrou total espírito de colaboração com o desenvolvimento da pesquisa. O segundo encontro ocorreu no mês de Junho e início do mês de julho de 2013, quando realizei as entrevistas e fiz a observação do cotidiano escolar, estive presente nos turnos matutino e vespertino durante quinze dias.

No decorrer dessa caminhada coloquei-me no lugar de pesquisadora aprendiz, interagindo com os professores, os alunos, funcionários, os gestores, com o desejo de conhecer e compreender, um espaço que já conhecia superficialmente. Assim, deixei de lado os meus pré-julgamentos, o qual sabia que eram influenciados pelo meio, pelo convencionalismo e pela falta de informação.

A impressão inicial de que a Escola Indígena Pataxó Coroa Vermelha tinha importante papel para a Aldeia Pataxó Coroa Vermelha, no que se refere ao seu projeto sociocultural, político, identitário e cultural, foram solidificando-se nos achados da pesquisa. Além disso,

---

<sup>3</sup> O Projeto Político Pedagógico (PPP) é um instrumento que conjectura a proposta educacional da escola.

os elementos achados evidenciaram que há um regime de colaboração da comunidade escolar que contribuem para aprimorar os princípios da Educação Escolar Indígena em ser, intercultural, específica e bilíngüe como meio de resistência de sua cultura. Apontam também que não é um trabalho fácil, mas sim, cheio de desafios e dilemas.

## **A CONQUISTA POR UMA EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA DIFERENCIADA**

A Educação Escolar Indígena, segundo Gersem Baniwa<sup>4</sup> (2006, p. 129) é a educação institucionalizada sendo apropriada pelos povos indígenas para reforçar seus projetos socioculturais, além disso, possibilitar o acesso a conhecimentos universais necessários e de interesse dos povos indígenas na contemporaneidade, ou seja, para responder as novas demandas após contato.

Segundo Gersem Baniwa (2013), a Constituição de 1988 é um divisor de águas para os povos indígenas no que se refere a direitos constituídos para os povos indígenas. A partir da Constituição Federal de 1988 a escola indígena passa ter a missão inversa da antiga “escola para índio”<sup>5</sup>, a de colaborar para a continuidade histórica dos povos indígenas, étnica, cultural e fisicamente. Com isso, a Lei e Diretrizes De Base da Educação Nacional (LDB 9.394 de 1996), nos artigos 26, 32, 78 e 79, assegura que a educação escolar para os povos indígenas deve ser intercultural<sup>6</sup> e bilíngüe<sup>7</sup> para a reafirmação de suas identidades étnicas, recuperação de suas memórias históricas,

---

<sup>4</sup> Gersem José dos Santos Luciano, é doutor em Antropologia Social pela Universidade de Brasília (UnB), é indígena do povo Baniwa, nascido na aldeia Yaquirana, no Alto Rio Negro, Amazonas. É professor da Faculdade de Educação da UFAM, integrou o Conselho Nacional de Educação (CNE), esteve à frente da Coordenação da Educação Escolar Indígena, no Ministério da Educação (Secadi/MEC), hoje é diretor-presidente do Centro Indígena de Estudos e Pesquisa (CINEP).

<sup>5</sup> A “escola para índio” tinha uma missão muito clara de conduzir e forçar que os nativos fossem integrados e assimilados à “Comunhão Nacional”, ou seja, que fossem extintos como povos étnica e culturalmente diferenciados entre si e da sociedade nacional. Na “escola para índio” a relação é verticalmente de brancos para índios, ou seja, os brancos são os donos e mandatários da escola que impõem processos educativos segundo seus interesses (Gersem Baniwa, 2013).

<sup>6</sup> A interculturalidade considera a diversidade cultural no processo de ensino e aprendizagem. A escola deve trabalhar com os valores, saberes tradicionais e práticas de cada comunidade e garantir o acesso à conhecimentos e tecnologias da sociedade nacional relevantes para o processo de interação e participação cidadã na sociedade nacional (MEC-RCNEI,2005).

<sup>7</sup> Os direitos lingüísticos dos povos indígenas, de que os processos de aprendizagem escolares sejam feitos nas línguas maternas dos educandos e na língua nacional (MEC-RCNEI, 2005).

valorização de suas línguas e ciências, além de possibilitar o acesso às informações e aos conhecimentos valorizados pela sociedade nacional.

Neste sentido, após a constituição de 1988 a legislação brasileira apresenta a Escola para os povos Indígenas como um espaço de relação entre os conhecimentos valorizados pelas demais culturas e conhecimentos tradicionais indígenas, que a partir de seus projetos históricos junto com a escola poderá desenvolver novas estratégias de sobrevivência física, linguística e cultural, buscando uma educação escolar que fortaleça a identidade étnica, a cultura, para o convívio com a sociedade contemporânea.

Bartolomeu Melià (2000, p. 11), diz que a comunidade indígena, tanto como o povo quanto como aldeia, tem uma racionalidade operante que os não indígenas precisam descobrir e incorporar na sua prática pedagógica. A alteridade indígena como fruto da ação pedagógica não só manterá sua diferença, mas também poderá contribuir para construção de relações menos desiguais e conseqüentemente para o exercício contínuo da autonomia. O autor reitera que os povos indígenas sustentaram a alteridade graças a estratégias pedagógicas próprias, das quais uma é à ação pedagógica.

Nessa perspectiva, a escola que é um bem cultural inventado pela sociedade ocidental moderna, na contemporaneidade tem sido requisitada pelas comunidades indígenas e implantada no seio das terras indígenas, tendo como meta reconhecer e garantir autonomia pedagógica e de gestão dos processos educativos dos povos indígenas. Cada comunidade indígena tem se apropriado da escola de acordo com suas forças de negociação, tornando-a própria, específica e diferenciada, segundo os parâmetros legais que a regulamentam, objetivando superar a velha visão e prática política colonial de educação integracionista e tutela.

## **QUEM SÃO OS PATAXÓS DE COROA VERMELHA**

O povo Pataxó segundo dados do Sistema de Informação da Atenção à Saúde Indígena (SIASI/FUNASA 2010) tem hoje uma população de aproximadamente doze mil indivíduos que vivem espalhados em trinta e seis aldeias localizadas no extremo sul da Bahia e em Minas Gerais. Segundo Carvalho (1977) a dispersão dos povos indígenas

Pataxós se deu após o episódio do fogo de 51<sup>8</sup> que destruiu a Aldeia Barra Velha<sup>9</sup> e dispersou o povo Pataxó. Nesse artigo irei abordar sobre os Pataxós do extremo sul da Bahia, da Aldeia Pataxó de Coroa Vermelha, fundada em 1972, no município de Santa Cruz Cabrália-Bahia.

O episódio do fogo de 51 marcou o modo de vida dos Pataxós, os mesmos foram expulsos de suas terras tradicionais, muitos foram mortos, os que sobreviveram foram trabalhar nas fazendas da região ou morar nas áreas urbanas em busca de meios de subsistência para sobreviver. Segundo Souza (2012), a vida do povo Pataxó na contemporaneidade revela a sua obstinação, a sua trajetória histórica e os caminhos trilhados para garantir a sua sobrevivência enquanto nação

Nessa perspectiva, passei a conviver com os Pataxós da Coroa Vermelha no início da década de 90 quando fui morar com a minha família na Coroa Vermelha na cidade de Santa Cruz Cabrália-Bahia, além das belezas naturais do lugar, tinha algo diferente, a divisão territorial: de um lado da pista os não-índios e do lado da pista, no litoral, a Aldeia dos Índios Pataxó.

Nos dias atuais essa realidade não é muito diferente para a comunidade indígena Pataxó da Aldeia de Coroa Vermelha. Fundada em 1972, no Extremo Sul Bahia, no perímetro urbano do município de Santa Cruz Cabrália, entre os Km 76 e 79 da BR 367, na praia de Coroa Vermelha, considerado o local da chegada dos portugueses em 1500, a Aldeia Pataxó de Coroa Vermelha, situa-se numa região de intensa movimentação turística, caracteriza-se como uma aldeia urbana e de contato e convívio há décadas entre não-índios e indígenas, sendo uma das maiores aldeias Pataxó em tamanho demográfico e a que mais vivencia cotidianamente as implicações do contato com os não índios.

A Aldeia possui aproximadamente 1600 famílias e 6000 habitantes que vivem do comércio, agricultura, pesca, empregos públicos, tendo como a principal fonte de renda

---

<sup>8</sup>No ano 1951 a Aldeia Pataxó de Barra Velha, localizada no Município de Porto Seguro, foi atacada e destruída por forças das Policias Militar de Prado e Porto Seguro. Foram assassinados membros da aldeia, índias foram estupradas e outros morreram nos dias seguintes a consequência dos maus tratos. Esse massacre causou a dispersão de muitas famílias pataxó, surgindo mais tarde em outras comunidades.

<sup>9</sup>Aldeia Barra Velha: considerada pelos Pataxós contemporâneos no Extremo Sul como sua "aldeia mãe"

o comércio de artesanato e o “turismo étnico”. As casas da aldeia são todas construídas em alvenaria, bem como os estabelecimentos comerciais: supermercado, alguns restaurantes, pousadas, papelaria, lanhouse, vídeo-locadora, o “shopping dos índios”, uma passarela para comercialização de artesanatos, assim como a Escola Indígena e o Conjunto Cultural Pataxó, uma reunião de pequenos chalés que funcionam como sede das associações e instituições indígenas locais.

Em meio a esse contexto no âmbito do comércio indígena, os Pataxós, utilizam de expressões concretas da cultura “indígena” (seja através dos artefatos comercializados ou da ornamentação corporal, algumas palavras da língua nativa), como forma de legitimar a sua identidade étnica<sup>10</sup>.

Ao tempo que tenta reafirmar a sua herança cultural, a aldeia Pataxó de Coroa Vermelha, por ter essas características, sofre constantes questionamentos sobre a sua identidade étnica, é muito comum terem que responder às inúmeras indagações feitas por turistas e moradores da região: “você é índio?”; “que tribo é essa?”; “vocês ainda falam a língua indígena?”, “vocês são índios paraguaios” (MIRANDA, 2009), e é considerada por muitos como “aculturada”. Além disso, a aldeia também é afetada por problemas sociais que estariam fragilizando a comunidade indígena como, os atritos entre as lideranças, o trabalho infantil, o uso e tráfico de drogas, abuso sexual, a expansão do cristianismo protestante, dentre outros.

Neste sentido, após várias décadas de conflitos culturais, perdas significativas de sua identidade étnico cultural e da língua nativa pela relação histórica da Aldeia Pataxós de Coroa Vermelha com os não índios, a Aldeia se particulariza em ter iniciado junto com os professores, os alunos e comunidade um processo de pesquisa<sup>11</sup> com os mais velhos, para o resgate étnico e cultural das manifestações tradicionais, cerimônias,

---

<sup>10</sup>A identidade étnica é uma categoria fundamentada na cultura, não é um dado de nascimento, nem pode ser associada às características fenotípicas, ela emerge a partir das relações de contraste com outros grupos em contextos sociais comuns. Segundo Hall (2012), a identidade cultural busca recuperar a “verdade” sobre o passado na “unicidade” de uma história e de uma cultura partilhadas “è uma questão tanto de ‘tornar-se’ quanto de ‘ser’”.

<sup>11</sup>No ano de 1999 um grupo de jovens e professores Pataxós formou o Grupo de Pesquisadores Pataxó, denominado de Atxohã. Reuni-se material de áudio e de documentos escritos para estudo, cominando no projeto de documentação da cultura e língua Pataxó, com apoio financeiro por instituições não governamentais CESE/ANAI, o que possibilitou a pesquisa para estudo da língua e de elementos da tradição cultural.



rituais, retomada da língua materna e outras ações, aparentemente novas, estão sendo ressignificadas, ou até mesmo reinventadas na busca de fortalecer a alteridade a partir do que desejam para si.

Nessa perspectiva, os Pataxós da Aldeia de Coroa Vermelha na última década tem retomado o modo de vida tradicional dos seus antepassados, porém, dialogando com o seu modo de vida contemporâneo. Afirmar os costumes, revitalizar a língua materna, fazem parte do processo da valorização da identidade étnico cultural de todos os Pataxós, a escolha de trilhar esse caminho vem contribuindo para o enfrentamento dos preconceitos vivenciados pelos Pataxós no seu cotidiano.

## **A EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA DOS PATAXÓS DA ALDEIA DE COROA VERMELHA**

A partir da pesquisa realizada junto a Escola Indígena Pataxó Coroa Vermelha, analisando o Currículo Escolar, um fator surgiu durante os depoimentos com a comunidade escolar: a importante contribuição da Educação Escolar Indígena para os Pataxós, no que se refere à reafirmação e resistência identitária étnica na contemporaneidade. Durante décadas os Pataxós devido o processo de colonização se viram obrigados a negar sua cultura e identidade étnica, como meio sobrevivência; para os Pataxós da Aldeia Pataxó de Coroa Vermelha por ser uma aldeia urbana, essa ainda é uma realidade. Após décadas de negação os mesmos encontraram na Educação Escolar Indígena o caminho para retomar os seus costumes tradicionais e língua materna.

A Escola Indígena Pataxó Coroa Vermelha existe desde a década de 90, iniciou-se de forma precária com uma sala, numa cabana redonda de tabuas, dentro do comércio indígena antigo na praia de Coroa Vermelha, atendia crianças indígenas da aldeia para estudar as séries iniciais. Tinha uma única professora, Irene, não indígena, vinculada a FUNAI. O prédio da atual Escola localiza-se no Conjunto Cultural Pataxó entre os Km 76 e 79 da BR 367, foi construído em 2000. Neste período a aldeia passou por diversas reformas e anexou ao projeto governamental no período das comemorações dos 500 anos do Brasil.



Segundo depoimentos dos professores Pataxós, a Aldeia Pataxó Coroa Vermelha, desde 1998, já tinha a perspectiva de ter uma escola que pudesse trabalhar com aspectos da cultura Pataxó. No entanto, existiam algumas dificuldades porque nessa época não tinham autonomia, além disso, a diretora da escola não era indígena. Essa realidade só mudou a partir de 2000, quando conseguiram ter a primeira diretora indígena, a partir daí objetivaram adotar o modelo de escola que pudesse contribuir com a reafirmação da identidade Pataxó e a retomada de seus costumes tradicionais.

A partir dessa conquista, os professores, pais, aluno e lideranças, juntos questionaram “o que queremos com a nossa escola?”. Após várias reuniões decidiram que a escola deveria ser um espaço de convivência e aprendizagem, para fortalecer traços da cultura pataxó e retomada da língua materna<sup>12</sup>. Além disso, que pudesse cooperar para os projetos socioculturais, político, econômico da aldeia e contribuir para o pertencimento étnico dos jovens Pataxós.

O primeiro passo foi incluir no Currículo Escolar uma matéria específica para trabalhar com a língua materna e cultura pataxó. Os achados da pesquisa revelam que a Escola Pataxó de Coroa Vermelha tem como alicerce da matriz escolar a cultura Pataxó em que fundamentam as práticas educativas.

Nessa perspectiva, a escola adotou um currículo escolar diferenciado e específico, que possibilita realização de atividades onde os pais, alunos, anciões são convidados a participarem, de atividades desenvolvidas para valorização da cultura Pataxó. A exemplo disso é a Noite Cultural, atividade desenvolvida na escola, quando a comunidade reúne-se para confraternizar, os alunos e professores vestem o tupisay<sup>13</sup>, cantam o AWÊ<sup>14</sup>, comem comidas tradicionais, ouvem história e ensinamentos dos anciões, e realizam cerimônias tradicionais, uma noite onde a comunidade vive suas manifestações culturais.

Conforme relato de algumas mães, os filhos que estudam na escola, aprenderam a valorizar a identidade Pataxó, por incentivo da escola, hoje eles fazem adereços, tanga

---

<sup>12</sup> Os Pataxós estão retomando o uso da língua de origem, denominada Patxohã, como forma de fortalecer a luta pataxó. O Patxohã é ensinado na escola da educação Infantil a EJA como segunda língua dos Pataxós. Na classificação das línguas indígenas proposta por Rodrigues (1986), a língua pataxó pertence à família linguística maxacali, tronco Macro-jê. (Acervo Atxohã, 2000)

<sup>13</sup> Tupisay, na língua patxohã, significa tanga, essa expressão é muito usada para referir ao uso dos Adereços tradicionais, incluindo tanga, cocar e os outros acessórios

<sup>14</sup> AWÊ é um ritual sagrado para os Pataxós com danças e cânticos. “dançar para o índio não é dançar por dançar, é um momento de alegria e faz parte da tradição” Profa Pataxó.

(parte do traje tradicional pataxó) e segundo as mesmas, antes da escola os filhos tinham vergonha e hoje sempre que podem e tem oportunidade vestem os trajes tradicionais e tem orgulho de serem Pataxós.

Segundo a diretora, a Escola hoje é um centro de atenção da comunidade na perspectiva de fortalecer e revitalizar a identidade pataxó:

Além da aprendizagem das áreas normativas, a escola também prima pelo fortalecimento da cultura pataxó, incluindo nas atividades escolares os conhecimentos tradicionais, como a matéria Patxohã ministrada da educação infantil a EJA. O fortalecimento a nossa cultura tem sido um desafio para a escola, por sermos uma aldeia urbana e viver em contato direto com os não índios, que tem concepção de vida diferente da nossa, vem dificultando o nosso projeto sociocultural. Nos últimos anos apenas a escola tem, feito isso. Aqui incentivamos os alunos para que vivam em comunidade, além disso, respeitando os não índios. (Depoimento da diretora Vilma Matos, concedido em julho de 2013)

Os depoimentos da comunidade escolar expõem a presença do trabalho dos professores com os conteúdos de conhecimentos tradicionais indígenas e não indígenas na prática pedagógica e aprendizagem dos alunos. Mostram ainda, o protagonismo dos professores que reivindicam uma escola indígena para responder aos conflitos que os Pataxós travam no seu dia a dia. No entanto, fica evidente também em alguns depoimentos que não tem sido fácil, pois uma parte da própria comunidade Pataxó não valoriza a escola, por achar que o ensino é inferior em comparação às outras escolas, ou por questões religiosas, que obrigam os devotos a negarem a própria cultura

Mesmo com inúmeros desafios enfrentados a Escola Indígena Pataxó Coroa Vermelha tem assumido importante papel para a Aldeia Pataxó Coroa Vermelha, no que se refere ao pertencimento identitário e cultural, principalmente para os jovens Pataxós, que tem como desafios pela frente assumir o protagonismo de futuro do seu povo. Por isso, a buscar em aprimorar os princípios da Educação Escolar Indígena, apontam também que não é um trabalho fácil, mas sim, cheio de desafios e dilemas.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Os resultados obtidos nesse trabalho demonstram que a Aldeia Pataxó de Coroa Vermelha tem adotado o modelo de Escola Indígena Específica e Diferenciada segundo

os paramentos legais que a regulamenta. Silva (1999) afirma que, o processo de reafirmação de identidade passa pela educação escolar, por isso, a conquista por uma Educação Escolar Indígena que atenda as demandas social e cultural, tem sido de grande importância para a resistência e manutenção da identidade étnica das comunidades indígenas.

Por isso, a Escola Pataxó Coroa Vermelha é local de resistência da luta permanente desse povo pela identidade étnica, ainda mais, por ser uma aldeia urbana e de contato e convívio há décadas entre não-índios e indígenas, é uma das que mais vivência cotidianamente as implicações do contato com os não-índios. Segundo Bergamaschi (2012) devemos ressaltar que as comunidades indígenas se apropriam dessas instituições de acordo com suas forças de negociação, para isso, vem construindo um patrimônio para a interculturalidade onde os saberes universais e a memória e tradições indígenas são requisitadas como força constituidoras da escola, no entanto, não sem conflitos e não sem problemas.

Nesse sentido, Bartomeu Melià (2000), reitera que a ação pedagógica para a alteridade não é descoberta feita pela sociedade ocidental e nacional para os povos indígenas, pelo contrário é o que e os povos indígenas podem oferecer a sociedade nacional.

Por fim, nos diálogos tecidos com o grupo pesquisado ficou evidenciada a importância da escola para essa comunidade que encontraram na Educação Escolar Indígena a possibilidade de revitalizar o seu identitário étnico cultural, ensinando nas atividades escolares, músicas, lendas da cultura e a língua pataxó. Outro fator importante percebido é o sistema de colaboração da comunidade Pataxó para dar significados ao trabalho que a escola vem desenvolvendo como meio de resistência de um povo. A participação dos alunos foi essencial para perceber o quanto a escola tem colaborado para a afirmação da identidade étnica Pataxó, no fortalecimento de seus laços com sua ancestralidade através da Educação Escolar Indígena. Neles podemos perceber que a escola tem raízes consolidadas naquilo em a comunidade indígena Pataxó deseja para o hoje e o futuro da Aldeia.

## **REFERÊNCIAS**



ANDRÉ, M. E. D. A. **Estudo de Caso em Pesquisa e avaliação educacional**. Brasília: Liber. Livro Editora, 2005.

BANIWA, Gersem dos Santos Luciano. **O Índio Brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje**. Série via dos Saberes n°1 Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Brasília: LACED/Museu Nacional, 2006.

BANIWA, Gersem dos Santos Luciano. **Educação Escolar Indígena no Brasil: avanços, limites e novas perspectivas**- Goiânia-GO, 29 de setembro a 02 de outubro de 2013.

BERGAMASCHI, Maria Aparecida. **Povos Indígenas e Escolarização: Discussões para se repensar novas epistemes nas sociedades latino-americanas**. Rio de Janeiro. Ed. Garamond, 2012.

BRASIL. Sistema Educacional Brasileiro – **Educação Indígena**. Disponível em <http://w.brasil.gov.br/sobre/educacao/sistema-educacional-brasileiro/educacaoindigena>, acesso em 13/09/2012

CARVALHO, Maria Rosário G. de. **Os Pataxós de Barra Velha: seu subsistema econômico**. 1977. 436f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais, concentração em Antropologia), PPGCS/FFCH/UFBA, Salvador, Bahia.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Diferentes, desiguais interculturalidade**. Rio de Janeiro. Editora da UFRJ, 2007.

E desconectados mapas da JOVENS, Instituto Tribo. **Inventário Cultural Pataxó: Tradições do povo Pataxó do extremo Sul da Bahia**. Unicef/Bzr/João Ripper. Ed 1a 2011.

MELIÀ, Bartolomeu. **Educação Indígena da Escola**. Caderno da CEDES no 49, 1o Ed. 2000.

MIRANDA, Sarah Siqueira. **Aprendendo A Ser Pataxó: Um Olhar Etnográfico Sobre as Habilidades Produtivas das Crianças de Coroa Vermelha**. Bahia. Dissertação (Mestre em Antropologia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia.) 2009, Salvador-Bahia.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Indígena na Educação Básica**. Resolução CNE/CEB 5/2012. Diário Oficial da União, Brasília, 25 de junho de 2012, Seção 1, p. 7.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DESPORTO. Secretaria de Educação Fundamental. Referencial **Curricular Nacional para Escolas Indígenas**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de Identidade. Uma introdução às teorias do**



**currículo.** Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos.** Trad. Daniel Crassi-2. Ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

BRASIL. Escola Indígena. Disponível em <http://escolapataxo.blogspot.com.br>, acesso dia 17 de Abril de 2013.

BRASIL. Constituição Federal/ 1988, no seu Capítulo VIII, intitulado 'Dos Índios'. Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm) , acesso dia 10 de março de 2013.

BRASIL. MEC. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação.**<http://www.mec.gov.br> . Acesso em 10 de outubro 2013 às 10:15h.